

# Dialética do marxismo cultural

INÁ CAMARGO COSTA

São Paulo: Expressão Popular, 2020. 69p.

Lindberg Campos\*

Por mais que a academia tenha rejeitado o gênero panfleto, por soberba, ingenuidade ou paixão pela empulhação, a tradição dos trabalhadores jamais abriu mão dele, tendo inclusive formado um mestre: Lenin. Entretanto, faz-se de grande importância ressaltar que a sua simples utilização não é o bastante, já que produzir um bom panfleto é algo difícil. *Dialética do marxismo cultural* (2020), de Iná Camargo Costa, conseguiu isso ao aliar qualidade literária e conteúdo pertinente dentro de uma forma de maior circulação. Esse trabalho como um todo – desde a capa até o formato de “livrinho”, passando pela fonte grande e pelas notas – é um ótimo exemplo de *agitprop*, pois se dirige ao debate público, municinando-o ao extravasar os limites da necessária propaganda socialista e da sempre bem-vinda denúncia do capitalismo. Iná diz a que veio logo no início da parte I:

[Para Marx] a dialética não se deixa intimidar por nada, além de ser essencialmente crítica e revolucionária. Esta é uma tentativa de seguir seu exemplo. Marxistas que honram a própria tradição não podem aceitar a caracterização do marxismo cultural formulada pelo inimigo, assim como Marx, Engels e os companheiros da Liga Comunista não aceitaram o fantasma brandido pela santa aliança anticomunista do século XIX e por isto em 1848 redigiram o histórico *Manifesto Comunista*

---

\* Doutorando em Letras pela USP. E-mail: lindberg.filho@usp.br

justamente para definir comunismo nos seus próprios termos. Estamos há algum tempo desafiados a apresentar a verdade [...] sobre o marxismo cultural. (p.13)

O que está em jogo é preencher de sentido o que tem sido colocado como espantalho e retirar o monopólio da direita reacionária contemporânea em torno da definição do “marxismo cultural”. Isto é, desde o início observamos um convite para o leitor “transformar a incriminação em arma de luta no *front* cultural”. Camargo percebe as vantagens que resultam do rastreamento das “incontáveis vítimas desde a primeira aparição do fantasma” quando as resgatamos “para o nosso time” (p.14). A radicalização e o ganho de posição da reação têm como precondição uma “crise de direção” e a consequente incapacidade de “luta pela revolução” do proletariado: “o fascismo só prospera em situações em que a classe proletária está desarmada em todos os sentidos, especialmente no plano político-programático” (p.4). A extrema direita busca armar um Estado policial para fazer que os trabalhadores paguem o “adiamento da crise final”, mobilizando o racismo e o anticomunismo (p.14-15). Assim, a historicização do que aparece como novidade – o espectro do marxismo cultural – pode ajudar na formação e organização da revolução, porque compromete alicerces da reação que visa à destruição das condições de luta popular.

“A certidão de nascimento do *marxismo cultural* foi, portanto, lavrada por Hitler” em *Minha luta* (1925-26), que produz uma “declaração de guerra ao marxismo e à sua expressão cultural máxima que seria o bolchevismo” (p.16). As correspondências entre a ruminação hitleriana e os astrólogos de hoje são chocantes e merecem ser mencionadas: “o marxismo, enquanto arma da conspiração judaica internacional, *nunca pôde criar uma cultura [...] o bolchevismo na arte é a única forma cultural possível de exteriorização do marxismo [...] são produtos doentios de loucos degenerados*” (p.16-17). Comunismo, marxismo e bolchevismo são ligados à conspiração globalista e judaica, hoje provavelmente sino-russa: “o marxismo emerge de uma doutrina [...] elaborada pelos judeus e os judeus respondem a 90% da produção cultural na Alemanha” para então dizer que “daí o combate [...] à social-democracia, pois esta organização se baseia na doutrina do judeu Karl Marx”, e finalmente concluir afirmando que “a social-democracia é contra a economia nacional e tem o objetivo de preparar o terreno para o domínio da alta finança internacional, controlada pelos judeus” (p.17-18). Basta dizer que a confusão entre social-democracia e bolchevismo e entre arte moderna e arte de esquerda funciona como unificação da reação à Revolução de Outubro e à República de Weimar (p.18); tal retórica diz respeito àquela típica “falácia da generalização apressada”, cujo intuito é o de produzir uma “abstração indevida” que interdite o debate (p.59).

Na parte 2, temos as raízes estadunidenses desse enfrentamento preventivo a lutas por conquistas democrático-populares. A autora analisa três momentos. O primeiro *red scare*, ou “ameaça vermelha”, que foi desencadeado ao redor do fim da Primeira Guerra Mundial e pelo *Espionage Act*, de 1917, e pelo *Smith Act*, de 1918, sendo aquele o “início à perseguição de militantes de esquerda” e esse a autorização de usar “todo tipo de violência contra as organizações dos

trabalhadores” (p.29). O segundo *red scare* foi uma forma mais ampla do *macarthismo* entre os anos 1930 e 1960: “agora a prioridade passa a ser a luta contra a ‘infiltração comunista’ na administração pública, no sistema educacional e na indústria cultural” (p.31). Por fim, o terceiro é “o *red scare* dos anos 1990, uma versão muito pálida dos dois primeiros, mas não menos ameaçadora, pois já conseguiu até eleger o atual presidente daquele país” (p.37), além das investidas “estadunidenses de contra insurgência [...] principalmente na América Central, e em especial na Colômbia” (p.29).

Na última parte do seu livro, Camargo analisa a longa tradição de crítica e autocrítica do marxismo e o seu enfrentamento contra as forças da superstição, do medo, da morte e em oposição à emancipação humana: os “períodos como o que estamos atravessando, de ascensão do fascismo, nos colocam diante da necessidade de recomeçar”, tendo como “régua e compasso” a memória do trabalho na “frente cultural com o próprio marxismo” (p.45). Assim, os comunistas são realmente inimigos. Comunista é aquele que faz a crítica da economia política e age para superar a propriedade privada dos meios de produção e as relações de produção através da organização dos produtores diretos. “Dialeticamente, para um marxista, o marxismo cultural”, diz Camargo, “nada mais é do que a fusão operada pelo inimigo entre marxismo ocidental e materialismo cultural, numa operação ideológica que requeenta, além de mal e porcamente reciclar, a marmita nazista” (p.49).

Podemos somente citar a relevância dos dados, as conexões e as listas eloquentes de inimigos eleitos sob o “fantasma do marxismo cultural” pela reação. Os comunistas contam com um inimigo ainda mais antigo e que *sempre* auxiliou as forças anti e contrarrevolucionárias a ganhar unidade para impedir que os trabalhadores se auto-organizem e tomem consciência da sua centralidade: a metafísica religiosa em geral e a Igreja católica em particular:

Gramsci, em seus *Cadernos do cárcere*, tem inspiradoras análises dos desafios postos aos intelectuais pela presença e dominação cultural da Igreja católica na Itália, cuja condição de empresa privada que obteve *status* de Estado graças aos fascistas (pelo Tratado de Latrão em 1929), foi examinada no artigo “O Vaticano”, publicado na revista *Correspondência Internacional* em 1924. Ali Gramsci afirma sem meias palavras que o então papa Pio XI apoiou o golpe de estado do fascismo e declara que, além de contar em seus quadros com indivíduos de habilidade consumada na arte da intriga, o Vaticano é a maior força reacionária da Itália e um inimigo internacional do proletariado. (p.50)

Não é incomum flagrar os apóstolos da reação acusando o materialismo de querer politizar toda a vida e de efetuar uma “terrenização do pensamento” através do ataque à alienação e à exploração. Camargo, para finalizar, chega a considerar o marxismo cultural como “herdeiro de todas as conquistas da ciência” e a reafirmar seu “compromisso irrevogável com a verdade – tanto a científica quanto a histórica – porque sabe que a mentira tem um papel reacionário” (p.58).